

Populismo no Brasil de contrapositores: manipulação do autêntico e profanação do contrário

Sandra Fischer¹

Aline Vaz²

131

Resumo: O estudo apresenta reflexões concernentes ao *bolsonarismo*, movimento originado no bojo do recrudescimento do neoliberalismo no Brasil, e ao *bufonismo*. Alçado à presidência do país no pleito de 2018, Jair Messias Bolsonaro, o candidato do Partido Social Liberal, faz uso de uma linguagem populista e agressiva durante a campanha eleitoral. Parte-se do pressuposto de que o bolsonarismo se constitui e se dá a ver 1) na expressão da dita autêntica/espontânea atuação cotidiana de Bolsonaro; 2) na reiteração do 'grotesco' (no âmbito *bolsonarista*) em contraposição ao 'intelectual' (no universo do *lulismo*, fenômeno político de esquerda representado pela figura de Luiz Inácio Lula da Silva e então projetada na pessoa de Fernando Haddad, o candidato do Partido dos Trabalhadores). Por meio da análise, à luz da semiótica de linha francesa, de discursos verbais e imagéticos de homens públicos que se contrapõem (Bolsonaro vs Lula/Haddad, no caso), tem-se aqui o objetivo de compreender, especialmente, a construção e os efeitos do imaginário bolsonarista que afeta o Brasil durante a campanha presidencial de 2018.

Palavras-chave: Brasil; bolsonarismo; lulismo; bufonismo.

¹ Pós-doutora em Cinema pela ECO/UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro); doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (Universidade de São Paulo); docente/coordenadora do PPGCom/UTP; docente/colaboradora do PPG CineAv/UNESPAR. sandrafischer@uol.com.br

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP); pesquisadora associada ao GRUDES (PPGCom-UTP / CNPq). alinevaz900@gmail.com

Introdução

A imagem midiática dos políticos, homens e mulheres no exercício de suas funções como postulantes ou detentores/as de cargos públicos revela, numa perspectiva semiótica, processos de construção identitárias e de projeções do *si mesmo* e do *outro* – pois o sujeito político reflete, em certa extensão, aqueles e aquelas que podem vir a colocá-lo no poder ou que já o colocaram: seria simultaneamente ele (o governante) e o outro (o governado) na proporção em que representaria, em tese, os interesses de seus partidários, dos governados. Nessa perspectiva, uma dada plataforma de governo trabalharia com representações ‘*do povo*’ ou ‘*de um povo*’ específico? Certamente, o político deverá tornar-se conhecido e ganhar simpatizantes (suficientes): “deixar-se conhecer, saber abrir-se suficientemente para dar a cada um o sentimento de que ele o ‘conhece’(...)” (LANDOWSKI, 2002, p. 190).

132

Logo, a construção da máscara e da *persona* que o sujeito político almeja passa, em princípio, por criar uma figura que venha a ser conhecida e idealmente aprovada pelo *maior número de eleitores*. Maior número, entretanto, cumpre lembrar, não significa *todos*: sabe-se que a maioria dos sistemas políticos – principalmente aqueles populistas³ (LACLAU, 2013; MUDDE; KALTWASSER, 2017) – tendem a construir um ideário amparado nas noções de “eles e nós”, “oprimidos e opressores”, “vítimas e algozes”, categorizando aqueles e aquelas que, supostamente, mereceriam apreço ou despreço estatal.

Ocupando em praça pública o lugar *acima* do povo no palanque ou os estúdios televisivos de onde discursa, o sujeito político vivencia, diga-se, dificuldades e enfrenta barreiras na empreitada de se revelar ‘familiar’, em ‘fazer-se conhecer’ como o *homem do (de um) povo*. A *internet* e o acesso às redes sociais

³ O populismo no século passado foi atribuído a líderes políticos de esquerda, por exemplo, Juan Perón, presidente na Argentina por três mandatos: de 1946 a 1952, de 1952 a 1955 e de 1973 a 1974, e Getúlio Vargas, presidente no Brasil de 1930 a 1945 e 1951 a 1954 – com suas políticas reformistas foram descritos como populistas. Atualmente, segmentos representativos das ditas ‘elites’ reivindicam o populismo para si, sendo o conceito atribuído a governantes neoliberais como o atual presidente dos Estados Unidos Donald Trump e Jair Bolsonaro no Brasil (o nacionalismo, a xenofobia, a segregação do outro, a violência e a provocação verbal ou física, são características que se colocam presentes no populismo de século XXI).

tornaram essas dificuldades/barreiras mais transparentes, ajudando a construir a sensação de proximidade, mas, também revelando fragilidades e contradições. Na medida em que povo e candidatos estão nas redes sociais, tanto um quanto outros podem dar-se a ver e interagir por meio de linguagens que afetarão, em maior ou menor grau, o sensível: externam emoções, realizando e ‘curtindo’ postagens que, acreditam, serão acessadas por seus destinatários.

O *bolsonarismo*, introjetando-se em uma racionalidade neoliberal inclinada a comprimir salários e gastos públicos, reduzir direitos adquiridos e enfraquecer mecanismos de solidariedade, priorizando “disciplinar a mão de obra, baixar o custo do trabalho e aumentar a produtividade” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 199), culmina na eleição de Jair Messias Bolsonaro ao cargo de Presidente da República Federativa do Brasil em 2018. Em sua campanha o candidato, nota-se, tende a aproveitar-se de uma linguagem simplista, facilmente encontrável nas redes sociais, ‘fazendo-se conhecer’ no imaginário do bufão. A partir dessa vertente o presente trabalho, integrado a um amplo projeto de pesquisa sobre *Imaginário, política e modos de se dar a ver*⁴, propõe-se a discutir elementos constitutivos da construção, ‘modos de se dar a ver’ e efeitos do imaginário bolsonarista. Enfocaremos nossa análise a partir da premissa de que tal imaginário nega o sistema político vigente (representado pelo petismo já em crise – inclusive deposto) e reitera o bufonesco ou bufonismo (acolhido como manifestação de autenticidade/espontaneidade, que poderá ser, eventualmente, considerada impertinente/grosseira).

A partir de imagens fotográficas de Jair Bolsonaro e de seus principais oponentes petistas, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Haddad, publicadas em redes sociais e/ou veículos jornalísticos, amparados em estudos de Eric Landowski (2002) buscamos verificar e analisar a situação de contágio bufonesco que se dá no Brasil durante o pleito eleitoral de 2018. A análise, à luz da semiótica de linha francesa, nos permite constatar a construção da imagem do ‘si mesmo’ (configurada

⁴ Abordamos a problemática “modos de se dar a ver” ancorados nos trabalhos de Eric Landowski, principalmente no que tange à obra *A sociedade refletida* – articulando os “regimes de visibilidade” que se constituem entre os “domínios respectivos da ‘vida privada’ e da ‘vida pública’”, especialmente quando se refere à mistura entre os ‘verdadeiros problemas’, em outras palavras, dos negócios ‘públicos’ que, sob a influência do ‘marketing’ e das ‘mídias’, são transformados em discurso de sedução” (1992, p. 85).

por Jair Bolsonaro) atrelada em contraposição à imagem do 'outro' (configurada pela articulação Lula/Haddad). Em meio a um contexto complexo e conturbado, em que o país coloca em questão toda a credibilidade política e a dos políticos, e a partir de discursos verbais e imagéticos de homens públicos que se contrapõem, veremos erigir-se a construção, a ampla disseminação e os efeitos de um imaginário amparado nos contrários *lulismo vs. bolsonarismo*⁵ – constituindo a estrutura 'do contra' que se manifesta no sentido das oposições entre *herói* e *bufão* (LANDOWSKI, 2002), *erudito* e *popular*, por sua vez, mobilizando ideias de aversão, repulsa e negação do outro.

1. O imaginário bufonesco nas redes sociais de Jair Bolsonaro

A imagem que vemos do outro, sempre atrelada a um imaginário específico, pode funcionar como uma espécie de espelho que se constitui de experiências que vivenciamos particularmente e/ou coletivamente, permitindo-nos atribuir a pessoas ou situações uma miríade de qualidades, atributos e características das mais diversas naturezas que podem ou não coincidir com a realidade. Essa gama de predicados mutáveis e lábeis em maior ou menor extensão e intensidade, e repleta de significados que lhe são por nós fornecidos, é da ordem do imponderável: construções mentais gestadas na coletividade, envoltas na membrana de uma aura que engloba subjetividades. Nas palavras de Michel Maffesoli⁶, *imaginário*

é o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração. (...) O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin

⁵ O propósito, aqui, não é apresentar uma conceituação aprofundada dos termos *lulismo/bolsonarismo*, mas sim refletir sobre suas respectivas articulações e formas de se dar a ver contrapostas, lideradas pelas imagens midiáticas dos políticos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro.

⁶ Não desprezamos a extensão e complexidade que caracterizam o conceito e os estudos concernentes ao *imaginário*, engendrados a partir da Filosofia, Psicologia, Psicanálise, Sociologia, Literatura etc., nem a expressiva estatura de diversos dos teóricos que, além de Michel Maffesoli, ocuparam-se do tema. Optamos, neste trabalho, por abraçar a noção de *imaginário* deste último em virtude de ser uma das (ou a que) mais diretamente dialoga com os propósitos da discussão que ora apresentamos.

chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

Entretanto, mesmo sendo ambíguo e interferindo diretamente em nossas subjetividades, nossos modos de ser e ver o outro, Maffesoli (2001) pondera que o imaginário “é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo”. Apesar da possibilidade de se dizer “meu” ou “teu” imaginário, “quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido”. É, portanto, “o estado de espírito de um grupo, de um país, um Estado-nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (2001, p. 76). É por meio da interação que se compartilha ideologias e se constroem imaginários, fortalecendo discursos que nascem da sensibilidade comum e tornam-se representativos de uma aura que impregna determinados grupos sociais.

135 No caso de Bolsonaro – o sujeito semiótico em questão –, é possível constatar que a mencionada construção da máscara e da *persona*, na usual tentativa de conquistar grande adesão proveniente de um sentimento de familiaridade que se instaura na campanha de si mesmo em prol da identificação do outro, busca fazer dele uma figura peculiarmente popular, que vivencia um cotidiano que se não chega a ser humilde é certamente desprovido de sofisticação e requinte – uma figura afeita a costumes simples, desprovida de ostentação e não habituada aos holofotes. ‘Gente como a gente, o homem da porta ao lado’. Para que as mensagens por ele emitidas surtam tal efeito, parece-nos, essa construção exige, paradoxalmente, que se criem na figura do destinador (Bolsonaro) as condições propícias à sugestão de que não há máscara alguma ou de que a ‘máscara desabou’, de maneira a envolver o destinatário (os potenciais eleitores) numa sensação de desnudamento, de que já não há, da parte do primeiro, barreiras entre o privado e o público.

No recorte de nossa análise, selecionamos imagens publicadas primeiramente na rede *Instagram*⁷ e depois replicadas em matérias jornalísticas. Imagens “aparentemente” cotidianas e “não encenadas” (*objetos em situação*) que, midiaticizadas e amplamente divulgadas, acabam alcançando não apenas seguidores de Bolsonaro no *Instagram*, mas também leitores de diversos veículos de comunicação (que mesmo sem seguir o candidato em sua rede social, acabam tendo acesso às suas postagens e, conseqüentemente, a seus momentos ditos “privados” como *objetos de discursos enunciativos*)⁸.

Na figura 01, a foto publicada em 19 de outubro de 2018 no *Instagram* do candidato em campanha, exibe uma mesa de café da manhã aparentemente desprovida de preocupações de ordem estética ou mesmo higiênica: ausente qualquer toalha ou cobertura de mesa, o pão está em contato com a madeira e justaposto a um aparelho celular; vê-se uma faca fincada em uma peça de queijo e respingos do que parece ser leite condensado espalhados pela superfície da mesa; compõe o cenário, ainda, um ‘copo americano’, daqueles conhecidos por integrarem a paisagem de botequins populares. A foto, que no dia 07 de janeiro/2019 já contava com 1.224.229 curtidas e 64.279 comentários, foi louvada por seguidores de Bolsonaro: pela simplicidade; pelo compartilhamento de trivialidades íntimas com o povo, atitude que seria típica de uma pessoa de *verdade* (enquanto aqueles que não comungam com as outras pessoas seus momentos cotidianos, suas intimidades, estariam colocados em posição contrária, caracterizada pela *dissimulação*); e, por fim, a imagem recebe elogios de mulheres que veem no candidato em tela a figura de seus maridos ou companheiros representada (quadro 01).

136

⁷ A rede social em 06/01/2018 totalizou 9 milhões de seguidores e 1934 fotos publicadas, cuja descrição segue com o texto: “Capitão Paraquedista do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da República Federativa do Brasil” e acesso ao *link* de seu canal no *YouTube*.

⁸ Semioticamente pode-se atribuir aos objetos dos discursos enunciativos sentidos fechados em si mesmos (uma fotografia, por exemplo), enquanto os objetos em situação entrelaçam contextos e apreensões em ato.

Figura 01



137

Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro

Quadro 01 - Título do Quadro - É Quadro?

maria.lucia3834 Gente o leite derramou na mesa e a faca esta espetada no queijo... simplicidade... Amo isso no Senhor PRESIDENTE...

51 sem 1 curtida Responder

ritacantodacasa Adorei essa cena kkkkk parece meu marido reclamo com ele pq bota o pão em cima da mesa e ele tb é militar

61 sem Responder

luizapaulaandrade Que pessoa simples, que máximo compartilha momentos com seu povo! Pessoa de verdade! Sou fã incondicional!

58 sem 2 curtidas Responder

amanda_ch_b @jairmessiasbolsonaro bem que sua esposa disse .Que o senhor faz bagunça só na cozinha kkk, e eu achava que era só o meu esposo que fazia bagunça na cozinha. 😂😂😂

61 sem Responder

Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro - *prints* coletados no dia 28/12/2019.

O conteúdo trivial da foto foi vastamente veiculado, ganhando manchetes como: “*O ‘pão à Bolsonaro’, com leite condensado, ganha adeptos no Rio: Padeiros e fregueses experimentam hábito inusitado do presidente eleito*” (O GLOBO, 2018a) e “*O que é o tal ‘pão à Bolsonaro’, que está dando o que falar nas redes*” (METRO, 2018). A imagem aparentemente banal viria a interferir no espaço físico e social com o lançamento do “pão à Bolsonaro”, tornando-se popular nas padarias cariocas e angariando adeptos da dita má alimentação – O GLOBO (2018b) publicou uma matéria disponível no canal do jornal no *Youtube* com o título: “*O nada saudável pão com leite condensado de Bolsonaro*”, trazendo depoimentos de especialistas em nutrição e gastronomia, que manifestam desaprovação à ‘nova tendência alimentar’ do então candidato do Partido Social Liberal (PSL).

Outra imagem que circulou no âmbito das redes sociais e dos veículos de comunicação foi a da foto do dia 03 de novembro de 2018, na barbearia localizada no bairro de Bento Ribeiro, zona norte do Rio de Janeiro (figura 02). O registro gerou manchetes como “*Bolsonaro vai a barbeiro no Rio e é recebido aos gritos por apoiadores*” (UOL, 2018a). No *Instagram* do candidato, encontravam-se imagens de outros momentos em que Bolsonaro cortava o cabelo com o mesmo barbeiro Antonio Oliveira (figura 03) – seriam elas do dia 28 de julho de 2018 com 139.120 curtidas e 2.319 comentários, e do dia 19 de junho de 2018 com 105.136 curtidas e 2.596 comentários (dados observados no dia 06/01/2019). O ambiente ‘simples’ da barbearia, na qual ainda se utiliza um modelo antigo de borrifador de água (de uso corriqueiro ou discreta sofisticação *vintage?*), fornece aos eleitores a oportunidade de sentirem-se próximos e iguais (uma eleitora moraria perto do local, enquanto outra teria cortado seus cabelos com o mesmo profissional que cuida do corte do candidato à presidência do país) e dá margem a recorrentes comentários sobre o despojamento do cenário e a exemplar humildade de um homem político de hábitos supostamente modestos.

Figura 02



Fonte: <https://noticias.uol.com.br>

Figura 03

139



Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro.

Merece destaque também um momento que não se atrela à intimidade, mas a um ato público em que Bolsonaro, em novembro de 2018, após eleger-se presidente do Brasil, concede uma coletiva de imprensa em sua residência localizada em um condomínio fechado na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro (figura 04). No *Instagram*, a figura de uma *prancha de bodyboard*, improvisando a bancada para os microfones dos jornalistas, funciona como elemento indicador de que a despreocupação com aparências e a espontaneidade do candidato eleito vão além de sua vida dita privada: estendem-se para o homem público, sugerindo que seu modo de governar será pautado na simplicidade, na identificação com o povo. A publicação recebeu mais de 852.726 curtidas e 16.273 comentários ressaltando a humildade do candidato (quadro 02), dentre os quais o seguinte, em acordo com o seguidor @ivanbomfimevs_saorafael: tudo o que o “nós precisamos nos poderes” – assim pressupondo, aparentemente, que aqueles que até então ocupam esses espaços seriam carentes de tal qualidade.

140

Figura 04



Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro

Quadro 02

ivanbomfimevs_saorafael Eu gosto de mais desse meu presidente viu usar uma prancha para apoiar o microfone e massa kkkk muito bom humildade e tudo que nós precisamos nos poderes

57 sem Responder

clelialima70 Os humildes agradam a Deus, 🙏🇺🇵 Parabéns Presidente! 🙌🙌



57 sem Responder

adrilegama Simplicidade da mesa...humildade 🙌🙌🙌🙌🙌🙌



58 sem 1 curtida Responder

Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro - *prints* coletados no dia 28/12/2019.

Figura 05

141



Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro – Divulgação/Assessoria

Podemos verificar que as imagens que criam o imaginário do bolsonarismo atrelado às ideias de simplicidade e espontaneidade, negando assim a imagem típica de homens de poder que vestem ternos e evitam demonstrar as “bagunças” de seus interiores domésticos e que tais, acabam por evocar verbos que repetidamente indicam ações corriqueiras – TOMAR café (e SERVIR-SE) / CORTAR o cabelo / IMPROVISAR uma entrevista, entre outros momentos: ASSISTIR ao futebol / LAVAR a roupa / PODAR a árvore / FAZER o café (figura 05). Como um homem do povo Bolsonaro, em sua rotina, mostra-se afeito ao *fazer* ele mesmo: é o dono da ação de seu dia a dia, sugerindo que no cargo público também será assim: descomplicado e atuante, agirá sempre de modo pronto e objetivo.

As fotos publicadas em sua rede social *Instagram* e/ou divulgadas por sua assessoria para a imprensa, consolidam o imaginário de um homem comum como manipulação publicitária de si mesmo nos termos da *vedete*, figura política descrita nos estudos de Eric Landowski (2002, p. 203):

Ela se coloca na frente, mostra tudo de sua pessoa, brilha de frente e de perfil: ela agrada, pelo o que ela é, ou mais exatamente, por aquilo que parece ser, e que pode seduzir por um momento. Como todos os fenômenos da moda, seu êxito depende em seu princípio de uma estética, mas no sentido mais trivial do termo: de uma sócio-estética do *gosto*, nessa mesma medida, seu favor será necessariamente local – ligado à distribuição social dos gostos – e por construção efêmero, pois, por natureza, os gostos evoluem (...) Uma vez passado o período de paixãoite que suscita a aparente novidade de sua personalidade, de sua linguagem ou até de suas ideias, ela cairá pura e simplesmente no *esquecimento*, enquanto a sociedade que muda de herói deverá provavelmente renegar, pelo menos por um tempo, aquele que ela faz morrer, mas que nem por isso deixará de frequentar sua memória.

142

Dedicado a cultivar as características da típica *vedete* na política, o bolsonarismo promove ainda a excentricidade da figura do *bufão* (LANDOWSKI, 2002, p. 205): “*Ridicularizando os colegas da maneira mais desleal ou pondo em causa a própria honorabilidade da profissão (...), eles se especializaram em distinguir-se em tudo da “pior” maneira: pela impertinência e pela grosseria*”. No estilo que costuma caracterizar o dito “mau-gosto” reside, talvez uma intenção: tornar-se oposição de uma estética vigente. Jair Bolsonaro ganhou notoriedade esbravejando brutalidades

e discursos de ódio contra mulheres⁹, comunidade LGBT¹⁰ e minorias em geral, porém, seu eleitorado tende a defendê-lo: seria apenas seu jeito autêntico de “falar sem pensar”, do ser espontâneo – aqui, para nós, o tal jeito *bufão* de ser.

O “falar verdadeiro” bem temperado da vedete transforma-se em sua boca numa liberdade de expressão que não reconhece limite algum. As suas provocações misturam-se ao mesmo tempo uma parte de humor suficiente para deixar entender que, por trás das pretensões à seriedade do “sistema” que eles tomam como alvo, existe tão-somente falta de sentido, e uma forte dose de ironia: se as boas maneiras da classe política são apenas uma máscara enganosa, então é preciso ser mal-educado para devolver ao jogo político um mínimo de *autenticidade*. Daí o privilégio concedido ao somático, como modo de expressão “natural”, não falsificado, por oposição aos artifícios da linguagem. O bufão não se limita, com efeito, a desmistificar dia a dia certos aspectos da atualidade política por propósitos (e, de preferência, brincadeiras) que revelam supostamente o absurdo, a insignificância ou as imposturas dela; ele tem sobretudo o gênio, por assim dizer físico, de rebaixar o jogo político em seu conjunto, representando-o de novo à sua maneira, ao mesmo tempo esteticamente (segundo uma estética do mau gosto, evidentemente) e no plano da estesia, traduzindo e, se possível, tornando contagiosa a própria repugnância pela adoção sistemática de uma hexis corporal voluntariamente chocante (LANDOWSKI, 2002, p. 205).

143

⁹ Em 2014, Bolsonaro insultou publicamente a colega deputada Maria do Rosário (PT-RS) – a agressão gerou condenação por danos morais. O seguinte texto está disponível no sítio *online* do Senado Federal (<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>): “Em discurso no plenário, o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) disse ontem que só não cometeria estupro contra a deputada Maria do Rosário (PT-RS) ‘porque ela não merece’. O ataque ocorreu depois de a petista usar a tribuna da Câmara para comemorar o Dia Internacional dos Direitos Humanos e tratar da entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV). [...] É a segunda vez que Bolsonaro, na condição de deputado, diz que não estuprará Maria do Rosário porque ela não merece. Em novembro de 2003, ele discutiu com ela, que era deputada, diante das câmeras da RedeTV! no Congresso Nacional. Ela havia acusado Bolsonaro de promover a violência, inclusive sexual: ‘O senhor promove sim’, dizia a deputada. ‘Grava aí que agora eu sou estuprador’, retrucou o petista. ‘Jamais iria estuprar você, porque você não merece’, acrescentou. [...]”. O presidente também se notabilizou por defender salário menor para as mulheres – em entrevista à RedeTV!, em 2016, declarou: “Eu não empregaria [mulheres e homens] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente”.

¹⁰ Em entrevista concedida à atriz canadense Ellen Page, em 2016, veio à tona o fato de o então deputado ter sugerido “tirar” a homossexualidade de uma criança à base da “porrada”. Após assediar a entrevistadora (“se eu fosse cadete da Academia Militar das Agulhas Negras e te visse na rua, eu iria assobiar para você”), Bolsonaro atribuiu ao uso de drogas e à presença da mulher no mercado de trabalho o crescimento [suposto] do número de pessoas *gays* na sociedade: “Acho que é comportamental. Quando eu era jovem, existiam poucos *gays*. Com o passar do tempo, com as liberalidades, as drogas e as mulheres trabalhando, aumentou bastante o número de homossexuais. Se o filho começa a andar com certas pessoas, vai ter aquele tipo de comportamento, achar que aquilo é normal”.

O bolsonarismo (figurativizado por Jair Bolsonaro, que se empenha em não criar uma identidade partidária¹¹ e apoia-se na célebre asserção “meu partido é o Brasil”) passa a ser visto como o oposto – e a negação – do petismo (primeiramente assentado na figura de Lula e, posteriormente, com a candidatura de Fernando Haddad à presidência da república, no imaginário *Lula é Haddad /Haddad é Lula*). Cria-se, nessa atmosfera ideológica, a base de um imaginário que se fortalece à medida que abomina tudo aquilo que diz respeito ao petismo, quer sejam elementos relacionados a acusações de corrupção ou a conquistas sociais e democráticas que tiveram lugar no país¹² no período do governo petista.

2. A ascensão do bufão como sintoma do antipetismo

Durante muito tempo o PT conviveu com a figura de Lula, heroicamente caracterizada ocupando o lugar, primeiramente, de sindicalista e, posteriormente, Presidente da República. O termo *heroico*, aqui, é empregado no sentido considerado por Landowski (2002) como a capacidade de *estar junto* em uma *ação comum* – o ser e fazer além da própria pessoa, mas numa mobilização que a constitui como corpo social, configurado no nordestino, metalúrgico, apoiador das causas do *MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Logo, então, teríamos um imaginário – que há muito teria sido habitado por crenças e objetivos comuns – ressignificado por repulsões coletivas imediatas. A sociedade se dividiria, nessa perspectiva, entre aqueles que protegeriam o imaginário lulista e aqueles que o profanariam. Teríamos um cenário desmembrado entre os *Lulistas* e os *Bolsonaristas*.

144

¹¹ Desde que ingressou na vida política, em 1988, até o momento Jair Bolsonaro já integrou sete partidos políticos. Em novembro de 2019 decide deixar o PSL, partido pelo qual foi eleito presidente, e articula-se para fundar o *Aliança pelo Brasil*. Atualmente, em 2020, Bolsonaro não integra nenhuma sigla partidária, colocando-se como o presidente ‘sem partido’.

¹² O Ministro da casa civil do governo Bolsonaro, Onyx Lorenzoni, investigado pela Procuradoria-Geral da República por recebimento de caixa dois durante campanhas eleitorais, em 2019, lançou o termo ‘despetização’, atinente à exoneração em massa de servidores, anunciando a demissão de cerca de 300 comissionados da pasta e paralisando o trabalho da Comissão de Ética Pública formada por 17 pessoas, das quais 16 foram demitidas. Em suas palavras, publicadas no O GLOBO (2019): "Vamos retirar de perto da administração pública federal todos aqueles que têm marca ideológica clara. Nós todos sabemos do aparelhamento que foi feito principalmente do governo federal nos quase 14 anos que o PT aqui ficou".

Lula, encarnado na célebre frase proferida antes de ser conduzido à prisão em 2018, ‘não seria um ser humano, mas uma ideia, uma ideia misturada com a ideia do povo’; Bolsonaro, esculpido pelo fio da faca que o feriu, também em 2018, quando foi agredido durante um comício, exhibe o corpo ferido, o corpo fragilizado no hospital: o homem que carrega “Messias” no nome estava santificado pela situação de vítima – instaurada tanto por meio do ato de violência sofrido quanto pela manipulação midiática de sua imagem vulnerável.

Enquanto a última imagem que temos de Lula, antes de ser conduzido para a prisão na Polícia Federal em Curitiba/PR, é de um homem em situação de veneração heroica (figura 06), Bolsonaro usufrui da imagem de sofredor carregado pelo povo – e como parte deste povo ele sofre os efeitos da violência a que estão sujeitos também seus eleitores: ao ser esfaqueado, ele padece em seu corpo os resultados de uma sociedade em crise, perversa e sem segurança (figura 07). Lula exhibe o corpo são e rígido (figura 08), profere o discurso da resistência (“*eu vou lá na barba deles pra eles saberem que eu não tenho medo, que eu não vou correr, e para eles saberem que eu vou provar minha inocência.*”); já Bolsonaro, abatido, exhibe a corporeidade abalada e compartilha diversas imagens suas na cama de um hospital (figura 09).

145

Figura 06



Fonte: *Instagram @franciscoproner*

Figura 07



Fonte: <https://www.bbc.com>

146

Figura 08



Fonte: Ricardo Stuckert – Brasil de Fato

Figura 09



Fonte: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-permanece-na-uti-e-vai-reiniciar-fisioterapia-diz-hospital/>

147

Com a prisão de Lula a candidatura à presidência da república do Partido dos Trabalhadores encontrava-se em suspensão, aguardando resultados dos recursos que contestavam a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que, contrariando explícita recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU), negaria a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. Confirmada a impossibilidade, Fernando Haddad – advogado, professor universitário e ex-prefeito de São Paulo – assume a liderança da chapa juntamente com Manuela d’Ávila, jornalista e deputada estadual pelo Rio Grande do Sul, filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), postulando o lugar da vice-presidência. Nesse cenário, o PT trabalharia com a justaposição das figuras de dois homens, lançando a campanha *Lula é Haddad / Haddad é Lula*. Em tal contexto, o imaginário bolsonarista viria a beneficiar-se dessa dita “fusão” dos dois políticos petistas, transferindo para Haddad o alvo de toda a artilharia da campanha articulada contra Lula. Se Haddad era Lula, para um certo eleitorado ele representaria as benfeitorias e avanços conquistados pelo ex-presidente; já para outros eleitores, representaria a desgraça de um país estraçalhado e comandado a partir do cárcere.

Assim, durante as eleições, o imaginário bolsonarista viria se contrapor ao imaginário petista principalmente, entre outras, nas seguintes articulações: 1) ataque de Bolsonaro a iniciativas do Ministério da Educação e Cultura (MEC) por meio da validação de *fakenews* que divulgaram um dito *kit gay*, incluindo uma *mamadeira de 'piroca'* a ser distribuída nas escolas durante o governo do PT (o próprio candidato, durante a campanha, em entrevista ao *Jornal Nacional* [da Rede Globo de Televisão], exibiu o exemplar de um livro que, segundo ele, seria parte integrante do *kit gay* – o que logo foi desmentido pelo MEC e pela editora da obra); 2) proposital adoção, por Bolsonaro, de postura isolacionista que seria (convenientemente) ressignificada e tida como atitude de humildade, conforme tentamos demonstrar no presente estudo. O candidato do Partido Social Liberal, assim, angaria apoio das classes que se sentem excluídas (eleitores que não se viram contemplados pelos investimentos educacionais da dita *Era Lula?*).

148

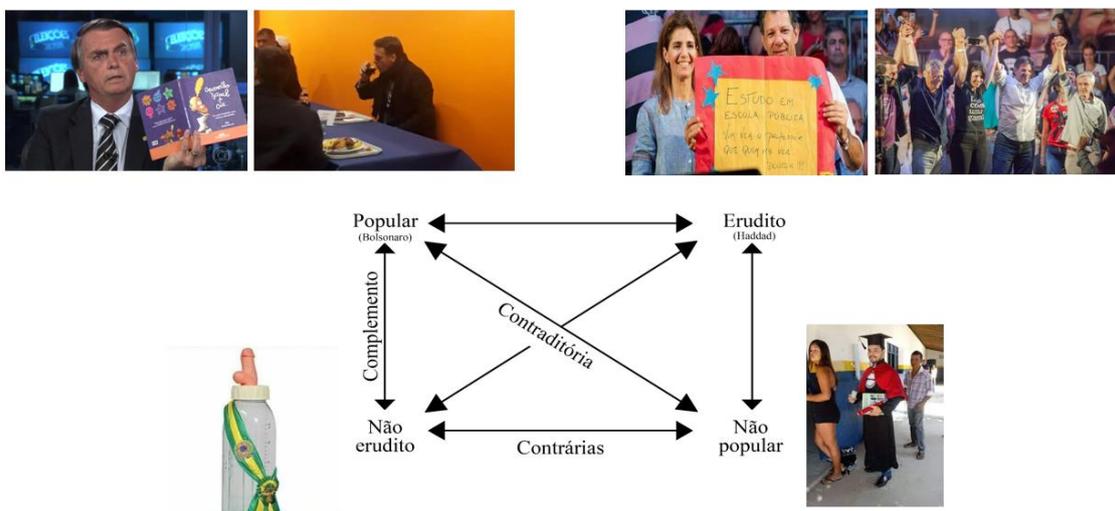
Haddad, por sua vez, o candidato do Partido dos Trabalhadores, rememora os feitos enquanto Ministro da Educação – com aparições em espaços públicos (recebe um cartaz de uma criança com a frase: “estudo em escola pública vim ver o professor que quer me ver doutor”) e apoio de artistas e intelectuais viria a ganhar votos, supostamente, daqueles que por meio do acesso ao Ensino Superior ascenderam socialmente durante o período do governo petista. No momento da votação, eleitores de Haddad foram às urnas carregando livros nas mãos; na ocasião, um suposto eleitor compareceu às urnas vestindo uma beca de formatura (observe o quadro 03).

O quadrado semiótico, aqui disposto, contribui para vislumbrarmos os opostos do eixo semântico que se delinearão entre o que se dá a ver no discurso das mídias como um imaginário bufonesco suportado por Jair Bolsonaro (capitão aposentado do exército e deputado por 27 anos) movido por uma suposta autenticidade; e o que se vislumbra como uma esquerda dita intelectual – posição política que receberá, da parte da direita, a alcunha de ‘esquerda caviar’¹³ –

¹³ A expressão, pejorativa, surgiu como um neologismo político na década de 1980, sendo empregada pelos detratores do governo de François Mitterrand (BOULÉ, 2002, p. 20; RAPHAEL-HERNANDEZ & GILROY, 2004, p. 158); é definida, no site do dicionário *Petit Larousse* da seguinte maneira: “*Gauche caviar, gauche dont le progressisme s’allie au goût des mondanités et des situations acquises.*”

suportada nas eleições de 2018 por Fernando Haddad (docente pesquisador da Universidade de São Paulo e do Insper, ex-ministro da educação / 2005-2012 e ex-prefeito de São Paulo / 2013-2016).

Quadro 03



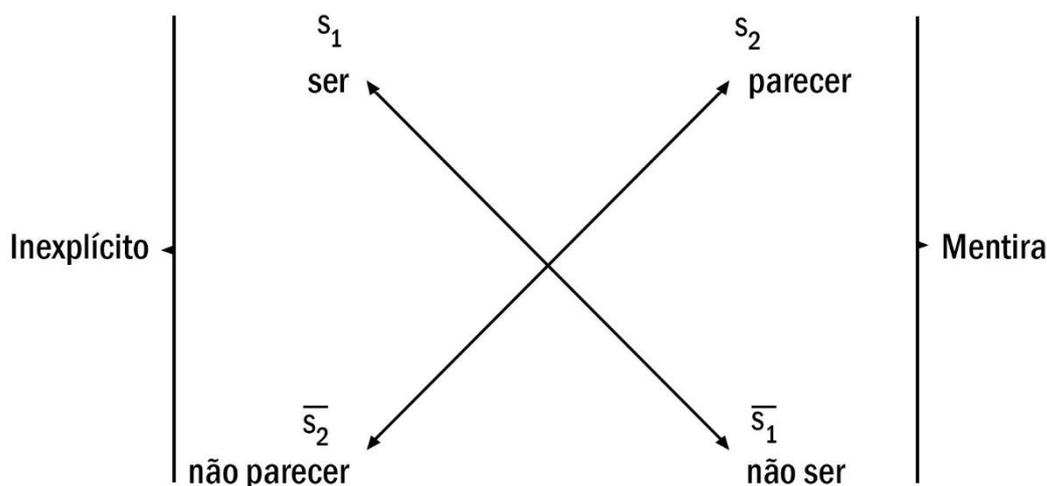
Fonte: Elaboração própria.

149

As estratégias de representação ‘de si mesmo’ dos candidatos acabam por separar grande parcela do eleitorado que acredita que aquilo que *parece ser* erudito *não será* popular e aquilo que *parece ser* popular *não será* erudito (inserindo o popular e o erudito em posições políticas-sociais contrárias). Diferentemente do que consta no perfil de Bolsonaro no *Instagram* que evidencia imagens triviais do cotidiano, principalmente no ambiente doméstico, a rede social de Haddad privilegia imagens de participação em campanha, especialmente em espaços públicos. O discurso de Haddad valoriza a educação, o de Bolsonaro promove a ideia de segurança social a ser garantida “na bala”, armando o povo; o livro viria a se tornar o objeto simbólico da campanha de Haddad; o revólver (a “arminha”) simulado com as mãos seria o símbolo da cruzada política de Bolsonaro. Nessa perspectiva, o populismo instalado na figura do bife acaba contemplando um discurso de negação da política vigente (tendendo à ordem antidemocrática), que deságua na vitória eleitoral de Bolsonaro; já o erudito, reiterando o heroísmo de Lula projetando-o na figura de Haddad, termina por contemplar um discurso em prol de uma ordem supostamente democrática – privilegiando propostas educacionais

(aparentemente desinteressantes para uma parcela da população bolsonarista, composta por eleitores que negam o sistema político em curso renunciando até mesmo a seus direitos¹⁴).

Quadro 04



Fonte: Quadrado semiótico de A.J. Greimas; J. Courtés (adaptações das autoras)

150

Em síntese, o bolsonarismo (movimento de caricatura grotesca e populista, conforme demonstrado nas imagens analisadas) só pode *ser* diante da existência contrária do lulismo (fenômeno atribuído a uma esquerda dita intelectualizada). Conforme buscamos demonstrar por meio do quadrado semiótico (quadro 04), a caricatura do bufão bolsonarista – pertencente a ‘elites’ da extrema-direita – parece popular, mas não é; parece antissistema, mas também não o é; revela-se, assim, a construção de uma autenticidade-pseudo. Já o lugar político de Fernando Haddad, por seu turno, o de uma esquerda popular vinculada ao *Partido dos Trabalhadores*, não parece ser como tal – em certa medida devido a seu discurso midiático marcado pelo posicionamento de educador, de professor universitário, mantendo *inexplícita*

¹⁴ Em maio de 2019 o ministro da educação, Abraham Weintraub, anunciou o bloqueio de 30% das verbas destinadas às universidades públicas, além do corte expressivo de bolsas destinadas às pesquisas. No dia 15 maio aconteceu a *Greve Geral da Educação* e Bolsonaro chamou os manifestantes de “massa de manobra” e “idiotas úteis”. Em 26 de maio, o presidente recebeu o apoio de representantes de seu eleitorado, que foram às ruas para apoiar as reformas propostas pelo governo.

a identificação com a classe operária brasileira (em geral desprovida de estudos de nível superior).

Nesse contexto, temos três homens (Lula/Haddad e Bolsonaro) com os quais a sociedade tem oportunidade de se identificar, reconhecendo-os como líderes políticos. Não é o dito e propalado heroísmo de Lula que se sobrepõe, entretanto; é de Bolsonaro a figura que consegue destaque, pois no período de crise em que a própria política se coloca em questão, a ‘representação’ do homem político tem de ser pautada pela “autenticidade”: não pode admitir, transparecer encenação. A manipulação do ‘cotidiano comum’ em redes sociais, aliada à fachada que coloca a vida do candidato em risco nega, da parte de Bolsonaro, a situação de representação. Assim, extinguindo-se o palco/palanque (substituído pela “vida real”) renuncia-se ao entrecho dramático (que tende a permear, por exemplo, o ato heroico¹⁵) em prol do suposto homem comum. Enfatiza-se, associada ao individualismo exacerbado da sociedade neoliberal¹⁶, a imagem ‘realista’ do privado, oposta ao teatro algo

151

¹⁵ O herói mediador integra um “ato político vivido coletivamente no modo passional, algumas vezes de maneira pontual, por vezes num período mais prolongado, à maneira de uma verdadeira gesta política” (LANDOWSKI, 2002, p. 196), à experiência coletiva e patêmica dada por crenças e gostos comuns, carregada de memória. “O herói, para impor-se como tal, deve por conseguinte beneficiar-se de uma conjuntura que lhe permita figurar ao mesmo tempo tanto o ‘ser’ como o ‘fazer’ da coletividade [...] capaz de dizer o estar junto através do discurso de uma ação comum” (LANDOWSKI, 2002, p. 200). Tal como o herói, Bolsonaro se constitui como uma figura popular; o imaginário bolsonarista, então, por sua vez, poderia ser constituído nesta ótica heroica – não fossem suas características bufonescas. A vedete e o bufão, para Landowski, são introduzidos na categoria da sedução: seriam, portanto, os cosmeticistas da política, assumindo a empreitada de “recolocar a política ‘no gosto do dia’, reensinando os homens políticos a ‘comunicar’”. Posto que o espetáculo político, representado segundo as formas clássicas, não consegue mais reter a atenção do público, é preciso com efeito inventar um novo regime de relação entre atores e espectadores [...]. Tirando partido deliberadamente da indiferença, da rejeição, quando não da repugnância que o funcionamento tradicional do sistema representativo supostamente provoca, doravante, numa fração crescente do público, é a essa classe de decepcionados que eles se dirigem. E para fazê-lo, instalam-se taticamente no único papel que resta: aquele de bufões da política – sem nem por isso, evidentemente, renunciar a tirar disso, politicamente apesar de tudo (e esse será o paradoxo), certos lucros.” (LANDOWSKI, 2002, p. 202). O herói e o bufão poderão por algum tempo assemelhar-se pela popularidade, mas o estar junto do primeiro, caracterizado pela ação coletiva do ser e fazer, difere-se do estar junto do segundo, que sobreviverá apenas enquanto a rejeição de seu adversário for capaz de aglutinar um número de adeptos expressivo. O homem herói consolidará laços de identificação a partir de uma causa, ideologia, construção comum. O homem bufão será dedicado a criar elos pela negação de um ideal, de um líder, na busca de promover uma desconstrução comum.

¹⁶ Pierre Dardot e Christian Laval (2006) descrevem a racionalidade neoliberal como uma “jaula de aço” que tende a aprisionar o indivíduo submetido a uma lógica da concorrência introjetada em todas as esferas da vida, justapondo o público e o privado, ocasionando uma subjetivação disciplinar. Ou seja, o neoliberalismo exclui a experiência coletiva em prol de um sistema competitivo que individualiza e isola o sujeito.

impalpável e relativamente abstrato do coletivo, característico das lutas sociais. Contraindo-se a adversários políticos obstinados em dar-se a ver na perspectiva do ‘agir com’, Bolsonaro deliberadamente se mostra sob a ótica do ‘agir contra’ – matizada, em certa medida, pela estética grotesca¹⁷ que acompanha e potencializa a dinâmica do escancaramento [suposto] da intimidade cotidiana, da trivialidade algo obscena, configurada pela simplicidade e desorganização (figura 01), pela humildade (figuras 02 e 03) e pelo improvisado (figura 04).

Amparadas por nossa análise, entendemos que a ascensão do bolsonarismo se efetiva e consolida pela “*rejeição* da tendência estética ou política considerada como seu contrário, cujo reino acaba de terminar ou cujo fim está em vias de se tornar inelutável” (LANDOWSKI, 2002, p. 117). Não importa mais o que *é*, mas o que *se dá a ver não ser*: o bolsonarismo alimenta-se do antipetismo, de tudo que lhe é contrário e contraditório, mesmo que para tanto se faça necessário obrigar-se a rarefazer sentidos e a encarnar a bufonaria.

Considerações Finais

O presente estudo concentrou-se na busca de elucidar facetas de um amplo panorama de construção do imaginário bolsonarista. O bolsonarismo centraliza a figura de Jair Bolsonaro como um homem que, não obstante estar inserido em patamares ditos superiores do plano político, coloca-se como pessoa simples e humilde, sempre pronta a expor espontaneidades e trivialidades de seu cotidiano, fazendo-se *próximo e igual* aos seus eleitores. A campanha de Bolsonaro toma o dia-a-dia e seus concernentes afazeres corriqueiros como estratégia de *marketing*: puerilidades como tomar uma xícara de café ou cortar o cabelo revestem-se de apelo identificatório, adquirem espessura afetiva e transformam-se

¹⁷ O grotesco para Mikhail Bakhtin (2008) transgride seus próprios limites, degrada o clássico ao rebaixamento e é ao mesmo tempo negação e afirmação – sendo a degradação uma forma de regeneração. A estética grotesca contraindo-se à clássica apresenta formas protuberantes, incompletas, suas manifestações são excessivas e exageradas enfatizando os opostos na linguagem: o sério e o cômico, o oficial e o subversivo, o antigo e o novo, o princípio e o fim. A carnavalização constituirá o grotesco, caracterizada pela aproximação do mundo com o homem e do homem com o homem, numa “grandiosa cosmovisão universalmente popular” (BAKHTIN, 2005, p. 161), liberta da seriedade dos constrangimentos morais.

em ações “admiráveis”; tal tática, que não é gratuita, muito menos carente de sentido, no cenário em questão logra maximizar o número de eleitores adeptos e minimizar, desqualificar o adversário político.

Nessa empreitada, o bolsonarismo encarna os preceitos do *bufão*, adquirindo popularidade não apenas por aquilo que é, mas muito mais pelo que não é. Propondo-se a negar o sistema político vigente o bolsonarismo e seu bufão esvaziam discursos, colocando em dúvida a credibilidade da atividade política enquanto universo de sentido, assim beneficiando-se do desgaste do poder público justamente para então chegar a protagonizar tal poder: substitui-se “uma convenção cenográfica por outra” – a estética da polida politicidade pela estética do trivial, do dito mau gosto, do grosseiro – “se a primeira se mostrava explicitamente como representação, a segunda, por sua vez, procura enganosamente negar-se como tal. O que, no primeiro grau, era tão-somente convenção transforma-se, então, no segundo, em ilusão” (LANDOWSKI, 2002, p. 207). Bem olhado, o bolsonarismo não é complexa, revolucionariamente anti-sistêmico, como quer fazer crer:

153

Assim, portanto, não é o poder que mudou (...), mas os eleitores que se cansaram por terem tido as mesmas cabeças por tempo demais sob os olhos e que, por isso mudaram de humor: (...) os mesmos que têm levado ao poder certa equipe, doravante “não podem mais vê-la”. Mais que a ação da maioria que sai, é a própria presença dela que não se suporta mais, e é ela que é preciso substituir, qual que seja a mudança de orientação que possa disso resultar. Se a oposição não tem necessidade de um programa para ganhar, reciprocamente, a maioria que sai não tem necessidade tampouco de ter agido “demais” ou “mal” ou “não o suficiente” para que se peça sua partida: basta que ela *tenha sido*, assim como basta que o ano que termina ou que a moda que passa tenham sido para que o ano novo ou moda seguinte sejam bem-vindas (LANDOWSKI, 2002, p. 118).

Ao fim e ao cabo, entendemos, em lugar de se constituir como uma força efetivamente contrária às instituições, bem olhado o ideário bolsonarista apresenta tão somente uma ilusória proposição de renovação do *status quo*, do sistema que declara corrompido e viciado. À parte outras evidências ou possibilidades argumentativas, cumpre lembrar que por quase três décadas sua figura central – Jair Bolsonaro – integrou precisamente o sistema político que rejeita tão-somente quando se coloca, em 2018, em campanha eleitoral concorrendo à presidência da

República. E o fez, diga-se, de maneira acomodada e conformada, mesmo quase invisível. Passando a negá-lo com veemência, curiosamente dá-se a ver como humilde e igual, próximo do (de um) povo; paralelamente, faz-se notório – não só, mas principalmente – pela vociferação grotesca de grosserias acintosas. Ao alimentar-se do antissistêmico associado ao antipetismo, consegue êxito travestindo posturas atreladas ao domesticismo, ao imprevisto e ao isolacionismo como atributos preciosos, indispensáveis ao ocupante da cadeira da presidência.

Referências

BOULÉ, J. P. (2002) *HIV Stories: The Archaeology of AIDS Writing in France, 1985-1988*. Liverpool: Universidade de Liverpool, p. 20.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (1979) *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix.

LACLAU, E. (2013) *A razão populista*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas.

LANDOWSKI, E. (1992) *A sociedade refletida*. São Paulo: Educ/Pontes.

LANDOWSKI, E. (2002) *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva.

MAFFESOLI, M. (2001) "O imaginário é uma realidade". In: *Revista Famecos*, v. 8, n. 15, p. 74-82.

METRO. O que é o tal 'pão à Bolsonaro', que está dando o que falar nas redes. 2018. Disponível em: <<https://www.metrojornal.com.br/social/2018/11/07/pao-a-bolsonaro-o-que-e.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. (2017) *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press.

O GLOBO. O nada saudável pão com leite condensado de Bolsonaro. 2018b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S3UVy6qV7tc>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

O GLOBO. Onyx anuncia exonerações de todos os comissionados para fazer 'despetização' da Casa Civil. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/onyx-anuncia-exoneracoes-de-comissionados-para-fazer-despetizacao-da-casa-civil.ghtml>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

O GLOBO. O 'pão à Bolsonaro', com leite condensado, ganha adeptos no Rio. 2018a. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/o-pao-bolsonaro-com-leite-condensado-ganha-adeptos-no-rio-23216196>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

RAPHAEL-HERNANDEZ, H.; GILROY, P. (2004) *Blackening Europe: The African American Presence*. New York: Routledge, p. 158.

SENADO. Em discurso no plenário, o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ). (2014). Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

UOL. Bolsonaro vai a barbeiro no Rio e é recebido aos gritos por apoiadores. 2018a – Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/11/03/bolsonaro-vai-a-barbeiro-preferido-e-e-recebido-aos-gritos-por-apoiadores.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

UOL. Coletiva de Bolsonaro foi improvisada em cima de prancha de bodyboard. 2018b. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/11/01/coletiva-de-bolsonaro-foi-improvisada-em-cima-de-prancha-de-bodyboard.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

155

VEJA. Um “detalhe” chamou atenção na primeira coletiva de Jair Bolsonaro: Os jornais impressos foram barrados da primeira coletiva do presidente eleito, realizada nesta quinta (1º) na Zona Oeste do Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/um-detalhe-chamou-atencao-na-primeira-coletiva-de-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

Recebido em 10 de dezembro de 2020

Aprovado em 30 de abril de 2020

<https://doi.org/10.31990/agenda.2020.1.5>

Populism in Brazil of opposers: the manipulation of authentic and the desecration of contrary

Populismo en Brasil de opositores: manipulación de lo auténtico y profanación de lo contrario

Abstract: The study presents reflections concerning the *bolsonarismo*, a movement originated amid the resurgence of neoliberalism and *buffoonism in Brazil*. Elected to the country's presidency in 2018, Jair Messias Bolsonaro, the *Partido Social Liberal* candidate, used a populist and aggressive language during the campaign. The *bolsonarismo* is based, constituted and shown on the assumption 1) in the expression of Bolsonaro's authentic/spontaneous daily performance 2) in the reiteration of the 'grotesque' (in the *Bolsonarist* context) in opposition to the 'intellectual' (in the universe of *Lulism*, a left-wing political phenomenon represented by the figure of Luiz Inácio Lula da Silva and then projected in the person of Fernando Haddad, the *Partido dos Trabalhadores* candidate). Through analysis, in the light of French semiotics line, of verbal and imaginary speeches by opposing public men (Bolsonaro vs Lula / Haddad, in this case), the aim here is to understand, especially, the construction and the effects of the *Bolsonarist* imaginary that affected Brazil during the 2018 presidential campaign.

Resumen: El estudio presenta reflexiones sobre el *bolsonarismo*, un movimiento originado en medio del resurgimiento del neoliberalismo en Brasil y el *bufonismo*. Elegido a la presidencia del país en las elecciones de 2018, Jair Messias Bolsonaro, el candidato del *Partido Social Liberal*, usa un lenguaje populista y agresivo durante la campaña electoral. e basa en la suposición de que el *bolsonarismo* está constituido y se muestra 1) en la expresión del llamado desempeño diario auténtico / espontáneo de Bolsonaro; 2) en la reiteración de lo 'grotesco' (en el contexto *bolsonarista*) en oposición a lo 'intelectual' (en el universo del *lulismo*, un fenómeno político de izquierda representado por la figura de Luiz Inácio Lula da Silva y luego proyectado en la persona de Fernando Haddad, el candidato de lo *Partido dos Trabalhadores*). A través del análisis, a la luz de la semiótica de la línea francesa, de discursos verbales e imaginarios de hombres públicos opuestos (Bolsonaro vs. Lula / Haddad, en este caso), el objetivo aquí es comprender, especialmente, la construcción y el efectos del imaginario *bolsonarista* que afecta a Brasil durante la campaña presidencial de 2018.

156

Keywords: Brasil; *Bolsonarismo*; *Lulismo*; *buffoonism*.

Palabras clave: Brasil; *Bolsonarismo*; *Lulismo*; *bufonismo*.